

INTERVIEW WITH THE TEACHER AND RESEARCHER PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES E SILVA

**Entrevista com a professora e pesquisadora Petronilha Beatriz
Gonçalves e Silva**

**Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva
(Rosa Maria Hessel Silveira e Iara Tatiana Bonin -
entrevistadoras)**

O presente texto apresenta parte de uma entrevista concedida por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva em 22 de abril de 2022, como parte da pesquisa intitulada “A revista Cacique e a infância gaúcha dos anos 50: textos e leituras”¹. Coordenada pela professora Rosa Maria Hessel Silveira (NECCSO/UFRGS), a pesquisa mencionada foi desenvolvida entre os anos de 2019 e 2022, compreendendo, por um lado, a criação de um acervo e o estudo de várias dimensões da revista infantil Cacique – lançada e mantida pela Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 1954 e 1963 – e, por outro lado, a realização de entrevistas com antigos leitores da revista. Como a professora Petronilha foi leitora da publicação, acolheu o pedido de conceder uma entrevista sobre esta experiência.

A entrevista foi realizada por meio de videochamada e teve a participação das Professoras Rosa Maria Hessel Silveira e Iara Tatiana Bonin. A transcrição foi feita por Maria Helena Hessel e, posteriormente, foi editada, excluindo-se repetições de palavras, alguns marcadores conversacionais da oralidade e, ainda, intervenções das entrevistadoras, de forma a que o texto consistisse em um depoimento íntegro, embora ainda tivesse marcas de informalidade e

¹ A pesquisa contou com financiamento do CNPq (Bolsa Produtividade em Pesquisa) e teve, como integrantes: Darlize Teixeira de Mello (ULBRA), Edgar Roberto Kirchof (ULBRA), Iara Tatiana Bonin (ULBRA), Liege Barbosa (UFRGS), Maria Angélica Zubaran (ULBRA), Maria Helena Hessel, Marília Forgearini Nunes (UFRGS), Patrícia Aparecida Machado (UFRGS). Contou, ainda, com bolsas de Iniciação Científica da FAPERGS.

espontaneidade. A riqueza das memórias trazidas pela professora Petronilha, relativas a suas vivências estudantis e profissionais primeiras, ensejou a possibilidade de destacar o recorte que ora será apresentado dentro do conjunto maior de discussões propostas no Dossiê Temático “Educação e relações étnico-raciais na América: abordagens transnacionais”, organizado pelos pesquisadores/docentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Profa. Dra. Gládis Elise Pereira Kaercher e Prof. Dr. Marcello Felisberto Moraes de Assunção, e pelos doutorandos do PPGEDU-UFRGS, Prof. Me. Isael da Silva Pinheiro e Profa. Me. Raquel Kubeo. O recorte da entrevista apresentado foi lido, complementado e aprovado para publicação pela Professora Petronilha em janeiro de 2024.

SOBRE A ENTREVISTADA



Imagem: Reprodução/UFPR TV (14/08/15)

Gaúcha, nascida no dia 29 de junho de 1942 em Porto Alegre/RS, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva é graduada em Letras Francês e Português (1964), mestre e doutora em Educação (1979 e 1987, respectivamente). Toda a sua formação acadêmica foi realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 1977 realizou curso de especialização em Planejamento e Administração da Educação no Institut International de Planification de l'Education, IIEP (UNESCO), em Paris, França. Em 1996 realizou estágio pós-doutoral na

University of South Africa, UNISA, em Pretoria, África do Sul, onde foi professora visitante por um semestre no Department of Didactics. Foi professora visitante em três outras universidades estrangeiras: no ano de 2003, na Universidad Autonoma del Estado de Morelo, in Cuernavaca, México, em 2008 e em 2015, na Stanford University, USA e, em 2019, na Universidade de Maputo, Moçambique.

Sua atuação, como docente do ensino superior, iniciou-se em 1974, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS e, em 1989, tornou-se docente da Universidade Federal de São Carlos, UFSCAR. As pesquisas desenvolvidas por Petronilha ao longo de sua trajetória acadêmica abordam centralmente Educação e Relações Étnico-Raciais, concentrando-se, por exemplo, em demandas do Movimento Negro e contribuições para introdução de história e cultura africana e afro-brasileira nas escolas, estudos afro-brasileiros, direitos e perspectivas de afrodescendentes, africanos e de povos indígenas na universidade, gestão e execução de políticas públicas no campo educacional e questões étnico-raciais, entre outros temas.

Por indicação do movimento negro, foi Conselheira da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CNE), onde foi relatora do parecer sobre a Lei 10.639/2003 e do Parecer CNE/CP 3/2004, que regulamenta a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, bem como a educação das relações étnico-raciais. Ela também foi conselheira junto ao World Education Research Association (WERA) representando a Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) (ABPN), bem como a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd).

Além disso, a pesquisadora tem divulgado suas pesquisas por meio de artigos em periódicos, assim como em anais de eventos, em livros e capítulos. Participa assídua e regularmente de atividades acadêmicas, grupos de pesquisa, mesas redondas, reuniões científicas do campo da Educação e, ainda, em reuniões de movimentos sociais, e, em especial, dos movimentos negros (seu currículo registra atividades variadas, nessa direção, tais como: noites de diálogo, rodas de conversa, sessões de debate, oficinas, cursos, minicursos e uma gama de outras ações).

Sua trajetória acadêmica e contribuição científica têm amplo reconhecimento acadêmico e social, o que se verifica, por exemplo, nos prêmios

e títulos recebidos pela pesquisadora. Em 2004 foi homenageada pela Associação Brasileira dos Pesquisadores Negros pela contribuição de seus estudos e de sua atuação junto à população negra, durante o III Congresso dos Pesquisadores Negros; em 2011 recebeu o Prêmio Educação para a Igualdade Racial, conferido pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial - SEPPIR; também em 2011, recebeu a Medalha da Ordem Nacional do Mérito, no governo da Presidenta da República Dilma Roussef, na qualidade de Grã Mestre das Ordens brasileiras; no ano de 2012 recebeu Título de Professora Emérita da Universidade Federal de São Carlos, conferido pelo Conselho Universitário da Universidade Federal de São Carlos; em 2013 recebeu Votos de agradecimento em razão de participação na audiência pública sobre os 10 anos da Lei 10.639/2003, da Câmara Municipal de Salvador - Centro de Cultura e, ainda, o Certificado Tereza de Benguela, conferido pelo Núcleo de Estudos sobre Educação, Gênero, Raça e Alteridade - NEGRA -MT. Em 2018 foi homenageada e declarada integrante da comunidade do Maçambique de Osório, em Osório, Rio Grande do Sul, e recebeu homenagem do Projeto Sopapo Poético, em Porto Alegre, com destaque a sua trajetória profissional enquanto professora da educação básica e da educação superior, em Porto Alegre.

Evidentemente, a conexão entre os eventos e dimensões das décadas iniciais de nossas vidas - em especial quando ressignificados pela memória narrativa - e nossas ações na vida profissional não é direta, singela e linear. Entretanto, o conhecimento das experiências e vivências trazidas pela professora Petronilha certamente contribui para o entendimento de muitas nuances do contexto familiar, social, cultural e educacional que podem ter repercutido em sua trajetória e, ainda, se conectam a um horizonte mais amplo de aspectos (educacionais, inclusive) da sociedade brasileira.

O texto da entrevista, apresentado a seguir, foi estruturado em tópicos, de modo a permitir maior fluidez na leitura.

A INFÂNCIA: A FAMÍLIA, O BAIRRO, O CURSO PRIMÁRIO - VIVÊNCIAS

Eu sou Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, gaúcha, natural da antiga Colônia Africana, que é, hoje, o bairro Rio Branco, em Porto Alegre. Quando eu nasci, já se chamava bairro Rio Branco; nasci em 1942; sou do tempo em que se nascia em casa. Então, nasci na rua Esperança, 438, hoje rua Miguel Tostes. Aquela área foi comprada pelo meu bisavô; a escritura é de 1902. E, enfim, foi

ficando conosco. A minha mãe fez questão de manter. Hoje, ali, eu tenho construída uma área pequena, porque minha mãe pensava em construir, depois que foi desmanchada a casa original de meus bisavós; mas aí ela adoeceu e só ficou uma parte concluída e, nessa parte, eu coloquei os livros que vieram da Universidade Federal de São Carlos. Então, ainda tenho aquela área que foi adquirida por meus bisavós maternos, Carolina e Benedito. Eles compraram e construíram um chalé de madeira que foi sendo reformado... e ele permaneceu em pé até 1990, por mais de meio século. Nasci nesse lugar, número 438 da rua Esperança, e o curso Primário eu fiz no Grupo Escolar Uruguaí. Hoje, a instituição que teve origem no Grupo Escolar Uruguaí funciona no “Parcão” [Parque Moinhos de Vento], mas quando eu lá estudei, era na Miguel Tostes, bem na frente da rua Dona Laura, na mesma casa que ainda está lá. A casa permaneceu a mesma, permaneceu em pé. Parece que originalmente seria uma chácara, uma coisa assim... Eu fiz ali o Primário. Ficava a duas quadras da minha casa e íamos caminhando, eu e minhas colegas da vizinhança. Ali completei os cinco anos de primário.

Quanto à minha família na época e à profissão de meus pais, eu tive um irmão que não conheci, só por parte de pai, porque meu pai era viúvo quando se casou com minha mãe. Mas eu não conheci, porque faleceu cedo. Meu pai era o que se chamava de “construtor”, quer dizer, ele concebia desde a planta da casa para construir. Mas a profissão registrada seria a de pedreiro, pois não existe essa profissão “construtor”, até porque ele fazia a planta e a construção da casa. Ele faleceu cedo. Tenho poucas lembranças. A minha mãe era professora. Ela lecionava e eu me lembro dela lecionando no Grupo Escolar Antão de Faria, que não é onde se localiza hoje, e sim na Avenida Protásio Alves, pouco antes de chegar à Estrada do Forte. Ela lecionou ali por dez anos. Aquela área era considerada área rural, não tinha ônibus toda a hora, as professoras não podiam perder o ônibus das 12 horas, pois só havia outro para o centro às 4 da tarde ou às 5 da tarde. Minha mãe lecionou dez anos naquela escola e tinha uma progressão dos professores do Estado, que eles chamavam entrância. Tinha 1ª entrância, 2ª entrância e, além do tempo de serviço, também consideravam os cursos que os professores faziam. Minha mãe fez um ou dois dos cursos, que eu lembro, do CPOE [Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais].

Ali, no Instituto de Educação Flores da Cunha, abriu um curso para supervisores de ensino e foi feita uma seleção, que minha mãe fez e, então, ingressou. Ela ficou trabalhando no próprio Instituto, na supervisão e orientação das normalistas. Então, ela trabalhou na Escola Antão Faria e no Grupo Estadual

Othelo Rosa, na Avenida Independência. Aí, depois, ela fez essa seleção e fez o curso de supervisão, e ficou trabalhando, depois, no próprio Instituto de Educação, na supervisão e orientação de estágio das normalistas. Ela era supervisora, fazia orientação e foi diretora de duas diferentes escolas anexas, que se chamavam Escolas Anexas ao Instituto de Educação, onde as normalistas faziam seus estágios, sendo que o último tinha duração de um semestre letivo.

Quanto às leituras da época da minha infância, tem uma revista que eu sinto que a gente acabou não guardando, que era uma revista da Argentina para crianças, chamada *Billiken*, que minha mãe comprava. Essa era uma das revistas que eu lia. Depois tinha uma que se chamava *Tiquinho* e outra, chamada *Cirandinha*, que eram publicadas no Brasil. E eu lia, e lia histórias. Eu ganhava livros de histórias.

Figura 1: Capa de *Billiken*, n.1, Editorial Atlântida AS, Buenos Aires, Argentina, 17 de novembro de 1919



Figura 2: Revista *Tiquinho*, Editora de O Tico - Tico e *Cirandinha* n° 35 - Novembro de 1952.

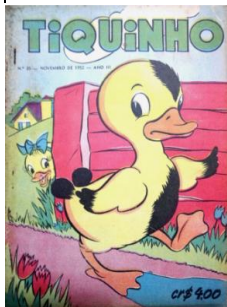


Figura 3: Revista *Cirandinha*, Editora de O Tico - Tico e *Cirandinha* n° 1 - Abril de 1951.

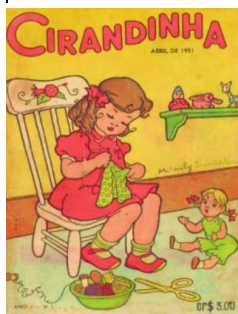


Figura 4: Revista *Tico-Tico*, Editora de O Tico - Tico e *Cirandinha* n° 1916 - Julho de 1945.



Tenho até hoje um daqueles de armar. Tinha um que a gente abria, assim, e armava uma cena na casa, outra no pátio, outra na floresta. Foi-me dado por meus padrinhos de batismo. Eu tenho livros que a gente ganhava de aniversário, de Natal... O povo gostava de dar, até pessoas que não eram muito estudadas, mas que eram de nossa amizade, davam livros. E na minha casa tinha... Eu tinha uma amiga, também, que morava ali perto, na mesma rua, ali na Miguel

Tostes, e na casa dela também tinha um armário de livros, onde ficavam os dicionários, os livros de estudar, os livros de leitura. E tinha uma outra revista, que era *O Tico-Tico* e eu sempre gostei. Também sempre se contou muita história, se contava muita história pras crianças. Então, a gente gostava, prestava atenção, contava uns para os outros, se reunia, então, ali na casa onde eu nasci e me criei... Eram casas; só mais tarde vai aparecer prédio; então, a criançada se reunia. Uma coisa, das lembranças que eu tenho, eram os brinquedos de calçada no verão... Os brinquedos de final de tarde, início de noite de verão. Na calçada, os maiores ensinando pra gente, pros pequenos, as brincadeiras de calçada. E a gente tinha “Seu João das calças brancas”, “Anel”, “Rei ou Rainha”, “Meia-lua 1,2,3”.

O CURSO GINASIAL E O ENSINO MÉDIO - A EXPERIÊNCIA NO COLÉGIO DE APLICAÇÃO DA UFRGS

Quando concluí o curso Primário, fiz o exame de admissão pro Instituto de Educação [General Flores da Cunha], até porque minha mãe era professora e a maior parte das amigas dela eram professoras - eu já queria ser professora. Então, uma vez ingressando no Instituto de Educação, quase que naturalmente já estava encaminhada para o magistério. Mas naquele ano, - eu fiz em '53-'54, é! - em fevereiro, mandaram uma correspondência para a minha mãe, do Instituto de Educação, pedindo que ela fosse à escola, ao Instituto. E ela ficou, assim, pensando, eu acho, “será que tem algum problema, será que a nota do exame de admissão foi alterada?” A gente fazia o exame de admissão e recebia uma ficha dizendo as notas obtidas nos diferentes exames. E eu me lembro da minha mãe examinando o certificado. Ela foi a essa reunião na qual estavam a Dona Graciema Pacheco e a Dona Isolda Paes. E a Dona Graciema, então, dava a notícia, para aquelas mães e pais que estavam lá, de que estava sendo criada uma Escola, junto à Faculdade de Filosofia, que era uma escola em que os professores que faziam licenciatura iriam fazer suas práticas de ensino... Bom! Essa parte eu fiquei sabendo depois.

A minha mãe não explicou isso. Mas, quando a minha mãe voltou da reunião, ela me explicou que tinham sido chamadas algumas mães e pais porque, na Faculdade de Filosofia - eu não tinha muita ideia do que era isso, 'faculdade', naquela altura -, estava sendo criada uma escola, que era uma escola nova, que parecia que ia ser uma escola diferente, que os professores eram muito... pareciam ser muito competentes. A diretora, conforme eu disse, era a Dona

Graciema Pacheco e a minha mãe tinha sido aluna dela. Quando a minha mãe voltou da reunião, ela me explicou o seguinte: “Bom! Estão fundando um colégio e parece que é um colégio que vai ser muito interessante, muito diferente... Nós não sabemos... O Instituto de Educação nós sabemos que é muito bom, não é? Agora, esse é um colégio novo.” E aí ela me disse: “Bem! Agora, tu decides.” Ela não me influenciou. Ela queria que eu fosse para o Instituto de Educação, mas ela não me influenciou. Falou também das vantagens de um e possíveis vantagens de outro. Ela me disse: “Agora, tu decides. O que tu decidires...” Eu não sei por que eu decidi ir pro Colégio de Aplicação, por mais que eu me esforce. E agora mesmo é que eu não vou saber. Eu não sei o que foi que me atraiu – o novo, não é? Eu só sei que, quando passaram uns dois ou três dias depois, ela me perguntou: “Agora, tu já sabes que escola tu queres?” “Eu quero ir pro novo.” Talvez eu estivesse entusiasmada com a novidade...

Então eu fui pro Colégio de Aplicação. Eu sou da primeira turma, que ingressou em 1954. Era uma turma de 30 estudantes. Era um colégio muito diferente. Naquela época, as escolas todas tinham uniforme; nós não usávamos uniforme. Eu me lembro que disseram pra minha mãe: “Mas que coisa horrível uma escola sem uniforme! E aí... que roupa ela vai usar? Nunca vai ter roupa nova, né?” Aí, a minha mãe disse: “Bom! Eu não vejo problema. Ela vai ter a roupa de ir para a escola, como se fosse um uniforme particular. E, portanto, não há maior problema.” O 1º e o 2º ano funcionavam dentro da própria Faculdade de Filosofia. Alguns professores mais velhos começaram a implicar porque, por mais silenciosos que nós andássemos, éramos crianças de 11 anos dentro do ambiente universitário... Então, nós tivemos dois anos seguramente ali.

Depois, tinha ali naquele pátio, na altura – meio difícil hoje de a gente situar, porque está bastante diferente –, próximo onde era o Instituto de Química, adaptaram duas-três salas... Então, nós fomos para ali. A essa altura já éramos... já tínhamos três séries. E tinha uma biblioteca. Mas eram quatro salas, com a sala da secretaria também. Quando chegou o 4º, o 4º ano, a 4ª série do ginásio, aí as nossas aulas eram na biblioteca, porque não tinha mais sala disponível. Depois disso, construíram aqueles prédios... na época do Brizola, foram construídos muitos prédios pré-fabricados. Então, construíram ali. Era atrás daquele prédio onde é o da Rádio Universitária. Ali atrás, ali construíram... Eram dois pavilhões e no meio ficava o pátio. Então era uma época muito boa, porque, além da escola não ser muito grande, aquela disposição fazia com que todo o mundo se encontrasse em algum momento. Na entrada, na saída... Então, a gente conhecia, inclusive, os estudantes de outras séries e tinha um convívio... Era um colégio

realmente diferente dos outros em muitas coisas. Por exemplo, nós... na 2ª série do ginásio, a gente já lia José de Alencar e os romances, era obrigado [a ler]. Então, nós tínhamos informações e uma formação que era diferente de outras escolas, de outros ginásios, nas mesmas séries que a gente fazia. O ensino de língua estrangeira, também, pois na época a gente estudava inglês e francês, era assim mais “puxado” do que em outras escolas, comparando com os amigos, não é? Gente que também estudava no mesmo nível de ensino.

Então, fiz o ginásio e, depois, quando nós estávamos no 4º ano, a 4ª série do ginásio... tinha a decisão para onde é que nós íamos. Em princípio, nós nos inscrevemos todos no Júlio de Castilhos, para fazer a continuidade e, naquela época, existia uma seleção para o ingresso neste colégio. Mas justo naquele ano, todo o mundo que se inscreveu entrou, porque fizeram um prédio, então novo, que é o atual prédio do Júlio de Castilhos. Quando chegou a hora... aí, era uma negociação dos pais e do diretor da Faculdade [de Filosofia] com o reitor [da UFRGS] ... quando chegou no final do ano, um pouco antes da seleção do Júlio de Castilhos... enfim... o reitor anunciou que haveria continuidade do Aplicação, não é? Alegria! Aí nós fizemos, nós tivemos o Clássico e o Científico. Eu fui pro Clássico. Era um número menor, bem menor de estudantes. Na verdade, o 1º ano nós fizemos em comum, não foi separado. Nós fizemos todas as disciplinas igual, mesmo, aquelas disciplinas, Física, Química, tudo isso. Mesmo o povo do Clássico, sendo bem menos numeroso, fez. Aí, concluímos o Clássico, fomos a 1ª turma a concluir. Fato pitoresco é que nós estávamos ali, naqueles dois pavilhões, e tinha um sino. O Colégio de Aplicação - acho que até hoje - tem esse sino. Aí, nós tínhamos... tinha esse tal sino. E no final do ano, de repente... entre o final do ano e início do outro, o sino sumiu. O sino sumiu! Na verdade, eu não lembro que colega se encarregou de fazer o sino sumir. Então, o plano era o seguinte, o que de fato aconteceu. Nós fizemos, então, o vestibular e, naquela época, o vestibular era prova escrita e prova oral. A gente fazia em fevereiro; era depois do Carnaval que a gente fazia as provas. Aí, nós esperamos que saíssem os resultados de todos os... de todas as faculdades e, aí, nos reunimos num dia e voltamos pra devolver o sino. Aí chegamos, nos reunimos, já todo o mundo com o seu resultado, e chegamos batendo o sino, né? pra Dona Graciema.

O colégio, conforme disse, era - se a gente comparasse com os amigos e parentes que estudavam noutras escolas - mais puxado, era diferente. Mas também... nós tínhamos dois turnos, não é? Então, a gente era incentivada muito a ler e tínhamos também acesso à biblioteca da Faculdade de Filosofia. Eu acho que nós não podíamos retirar livros, mas podíamos consultar na biblioteca...

Então, eu lembro, por exemplo, nós nos preparando, eu e meus colegas de Clássico, para o exame de [...] Filosofia... E, aí, a professora tinha dito que “o dia que se encontrasse a verdade, acabava o papel da Filosofia.” Aí, eu me lembro de uma colega dizendo: “Poxa! Bem que podiam encontrar a verdade hoje, que amanhã a gente já não tinha prova!”. Então, conforme disse, era bastante diferente de outras escolas, né? No ginásio, a gente aprendia a fazer dissertação, com aquele rigor da dissertação francesa, que tem que ter uma Introdução, tem que ter três partes, tem que ter conclusão: então, a gente já fazia isso. As aulas de língua estrangeira a gente tinha que se esforçar para tentar falar na língua estrangeira. Sobre as aulas de Literatura, lembro que o professor Appel, Carlos Jorge Appel, nos dava Português. Isso no Clássico, né? Ele então fazia a gente... eu lembro que a gente estudou muitas das obras de José Lins do Rego e ele fazia crítica, ele fazia crítica literária. Ele escrevia crítica e levava pra gente ler também. Era uma coisa muito, muito importante pra formação da gente, muito importante!

O VESTIBULAR, O CURSO DE LETRAS E OUTRAS EXPERIÊNCIAS UNIVERSITÁRIAS NA UFRGS

Fiz vestibular pra Letras Neolatinas e fui aprovada. Aliás, fui muito elogiada porque eu tinha feito também o Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano. E os professores incentivavam a gente a falar, eu lembro, e também o vestibular exigia. Na época, tinha no vestibular... a gente fazia a prova escrita e prova oral. Então, Francês, a gente fazia, Latim, a gente fazia. Português eu não lembro, mas acho que não tinha. Embora eu tivesse escolhido Letras Neolatinas, tinha que fazer... não tinha prova escrita de Inglês, mas tinha prova oral de Inglês. Aí, eu tinha feito também o Cultural Americano, e quando eu fui fazer a prova, foi com a professora Nora Ther Thielen. Eu fiz a prova oral com ela. Recebi rasgados elogios: “Mas guria, por que não vais para o Inglês?” Eu era melhor em Inglês, naquela ocasião, do que no Francês, porque tinha feito o Cultural Norte-Americano. E fui fazer a Aliança Francesa aí junto com a faculdade. A faculdade era muito interessante, a gente tinha professores nativos. Como fiz neolatinas, eu devia estudar o Espanhol e, aí, o prof. Lothar Francisco Hessel e o prof. José Lodeiro é que lecionavam Espanhol. Depois, Português era com o prof. Albino de Bem Veiga, prof. Alfredo Pradelino da Rosa, prof. Ely Fumagalli Horta e profa. Rebeca Poyastro. Em Francês, a gente tinha a Maria Lúcia Serrano e o prof. Jayme Back, que eram os nacionais. E tivemos... sempre tinha um professor nativo, francês. Nós tivemos o prof. Deffarges e depois tivemos o prof. Marcel Lacarra. Começamos com neolatinas. Aí a gente estudava Português, Língua e

Literatura... Português era Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. Estudávamos Italiano, Espanhol e o Francês. Mas no final do 1º ano houve uma reforma, e, então, a gente tinha que optar por uma das línguas e não precisava fazer todas, né? Realmente era bastante desafiante. Eu lembro, sobretudo, do Italiano, em que eu não tinha nenhuma experiência com a língua italiana. Mas acho que, no primeiro ou segundo dia de aula, a professora, que era a D. Rina Ricci, me manda pro quadro-negro fazer um ditado em Italiano. Para mim, o italiano era absolutamente novo, não é? Claro que eu errei tudo, no 1º dia. Não eram exceções, mas era diferente para nós, né? Embora não fosse fluente nessas línguas, a gente tinha uma ideia... Naquela época, a gente fazia prova, duas provas: em julho e no final do ano; tinham os exames... Se não chegasse à média, no final do ano tinha uma tal de “provinha”. Quem passasse na provinha, estava resolvido. Se não, é que tinha que fazer em fevereiro, né? Então, era muito puxado quando se ingressava num curso como Neolatinas. Na verdade, no curso, do 2º para o 3º ano, há uma reforma. Então, a gente tem que decidir: não era necessário mais todas as línguas - o que interessa é o Português com as Literaturas, a Brasileira e a Portuguesa. A gente estudava antes espanhol (Língua e Literatura), Italiano (Língua e Literatura), Francês (Língua e Literatura). Então, era meio puxado. Claro, Português também. Literatura Brasileira também. Literatura Portuguesa. Enfim... A gente tinha uma ligação forte com os professores, sobretudo com os de Francês, né? Prof. Back, profa. Maria Lúcia Serrano. Bom! Aí, fiz, então, o Curso de Letras.

E comecei a lecionar no 3º ano. No 3º ano, a gente recebia uma licença da Inspeção Seccional do MEC e a gente podia lecionar em escolas que fossem em bairros mais afastados. Não podia lecionar em escolas que fossem centrais. Então, eu fui lecionar lá na Vila Jardim, numa escola que era um educandário gratuito. Era uma escola noturna, né? Foi a primeira experiência de magistério ensinando Língua Portuguesa. E foi uma experiência muito interessante porque a maior parte dos professores eram muito jovens, na primeira experiência de magistério. Era curso noturno. Nós tínhamos no curso noturno tanto alunos mais jovens, quanto pais ou pessoas com idade para ser pais dos professores. E, assim, comecei minha experiência como professora nessa escola.

Na universidade também, além do curso, das experiências do curso, eu fiz parte do coral - o coral sinfônico da UFRGS, naquela época. É outra área de formação bastante interessante. A gente cantava com a OSPA [Orquestra Sinfônica de Porto Alegre], com o regente Pablo Kómlós. Ele regia o coral e regia a OSPA também. Então, a gente cantava... Cantamos a ópera ‘Aída’, de Verdi.

Cantamos primeiro sob a forma de concerto, né? As primeiras apresentações. Depois houve uma apresentação quando o Auditório Araújo Viana tinha sido inaugurado. Aí vieram roupas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro para o coral também, não só para os cantores principais. Então, essa foi outra atividade muito interessante.

Uma das coisas interessantes da época de estudante eram as assembleias, as assembleias dos estudantes. Éramos muito politizados. A eleição do Centro Acadêmico era um evento, né? Havia a propaganda política das diferentes chapas. Então, a gente queria saber qual era a orientação política dos diferentes grupos. Enfim, foram experiências bastante importantes para mim.

AINDA NA UNIVERSIDADE, AS DIVERSAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES

No terceiro ano do curso de Letras eu fui lecionar para o ginásio noturno na escola Antão de Faria, na Vila Jardim. Eu fiz licenciatura e, no Curso de Neolatinas, a gente tinha que escolher uma língua estrangeira e eu escolhi o Francês. E a gente tinha que fazer estágio e, então, eu fiz estágio no próprio Colégio de Aplicação, de Francês e Português. Depois, na sequência, tinha o chamado Estágio Avançado. Talvez porque eu também tivesse sido aluna do Colégio de Aplicação, eu fiz o Estágio Avançado com a duração além da exigência curricular. Então, eu comecei a lecionar Francês no Aplicação e permaneci alguns anos. Uma experiência interessante: voltar como professora e estudante, sendo colega dos meus professores do colegial e até da faculdade.

Primeiro eu lecionei no Ginásio Estadual Souza Lobo, quando foi criado e passou a funcionar naquela escola. Naquela época, o Estado pagava melhor que as escolas particulares, e, inclusive, a gente tinha que ir à Secretaria de Educação pleitear contrato. Formavam-se filas de professores pra conversar com o encarregado, com o superintendente de ensino. Aí, abriu vaga pro Colégio Estadual Júlio de Castilhos e, nessa escola, se fazia seleção, um concurso interno, enquanto que, nas outras, era a Secretaria que encaminhava o professor.

Mas, pro Colégio Júlio de Castilhos, tinha que fazer um concurso interno. Se tu passavas no concurso, a escola se encarregava de fazer os trâmites pra contratação. Aí, eu fiz para Português e pra Francês no Júlio de Castilhos. Fiquei em 6º lugar nos dois e fui chamada. Mas aí era muita coisa... não dava pra ter os dois, porque eu já tinha a escola particular e o [Colégio de] Aplicação. Então,

escolhi Português. Eu lecionei no noturno e, naquela época, separavam as turmas por vestibular. Os vestibulares eram separados: tinha a turma da Engenharia, da Medicina, por exemplo. Então, eu fui professora no noturno do ‘povo’ que ia para Engenharia, a maior parte eram homens. Esses tempos, eu encontrei um ex-aluno e ele disse pra mim: “Tu eras muito braba! Não sorrias nunca!” E eu digo: “Também, um bando de homens! Vários mais velhos do que eu, porque era um curso noturno. Como é que eu podia chegar “mostrando os dentes”? Tinha que ser braba e eu fui... pra garantir respeito, né?”

Neste tempo eu lecionava no Ginásio Souza Lobo, no Colégio Sévigné, no Aplicação e no Julinho [Colégio Júlio de Castilhos]. Então, quando eu fiz o concurso pro Estado, eu fiquei lecionando Português no Julinho e fui lecionar Francês no Colégio Estadual Inácio Montanha. Naquela época, a gente tinha a Associação dos Professores de Francês do Rio Grande do Sul, que era muito ativa. Então, eu lecionei no Inácio Montanha e no Julinho e continuava com o Colégio Sévigné, particular... E a essa altura ainda tinha o Aplicação, que eu terminei saindo porque eu estava no Inácio e no Sévigné; acho que por conta também de minha experiência, no Sévigné eu acabei sendo coordenadora pedagógica. A minha colega lá era uma colega mais velha, que era nossa colega no Julinho, acabou me convidando. Além de ela ser mais velha, ela era de outra cadeira, como se dizia. Eu a conhecia da sala dos professores, a gente se cumprimentava, mas não conversava muito. Mas ela ficou sabendo, por outra colega nossa, que eu tinha uma experiência de coordenação pedagógica. Então, ela me convida pra ir pro Colégio Estadual Cândido José de Godói, com os dois cargos que eu tinha, um no Julinho e outro no Inácio Montanha. Aí eu fui trabalhar no Cândido José de Godói, no bairro Navegantes. Foi uma experiência muito interessante, porque ocorreu na época da implantação da reforma prevista pela lei 5692/71, lá em 1971. A implantação da reforma foi uma experiência muito legal, com colegas professoras e professores e com a própria direção. A diretora era aberta, discutia com os professores uma proposta de escola, e eram todos professores muito empenhados... Era um grupo muito interessante e que me acolheu. A diretora era daquela escola, mas eu, não, e já chegava como coordenadora pedagógica e professora de Francês!

Aí, ao mesmo tempo, eu comecei a lecionar na PUC-RS. Aí eu comecei a lecionar... uma disciplina... lembrando que houve uma época em que havia o Ciclo Básico no primeiro semestre das faculdades federais. Tanto que eu dava Português no Ciclo Básico e na PUC dava uma disciplina semelhante. Eu não sei como conseguia fazer tanta coisa, e me esforçava para fazer tudo muito bem!

O INÍCIO DO MESTRADO E OUTRAS EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS

Ao mesmo tempo, eu estava começando o Mestrado em Educação. Naquela época, a gente fazia um... acho que se chamava Nivelamento. Só depois do Nivelamento é que a gente se candidatava ao mestrado. Assim, ingressei no mestrado em Planejamento em Educação. A essa altura eu estava já interessada em Macroplanejamento, porque eu tinha me dado conta de alguns problemas a serem enfrentados. Enquanto professora, eu já me dava conta de problemas, quando a gente tinha conselhos de classe, na escola pública. E eu, como era ex-aluna do Colégio de Aplicação, trazia uma proposta diferente, porque eu tinha uma experiência diferente.

Eu fiz o mestrado na UFRGS, aliás, minha formação, desde os 12 anos, é toda UFRGS, do ginásio ao doutorado. Eu sou o que sou, com as qualidades e os defeitos, um produto da UFRGS. Então! Bom! Aí comecei o curso de mestrado e continuei trabalhando nas escolas. Naquela época, a Associação de Educação Católica (AEC) fazia cursos de formação muito importantes que complementavam as orientações da Secretaria de Educação e eram uma referência. Então nós íamos todos, incluindo os colegas que estavam em escola particular. Foi muito importante aquela possibilidade de discutirmos juntos, e, também, a AEC trouxe integrantes do Conselho... Na época, ainda não era o Conselho Nacional de Educação, como temos hoje. Esses conselheiros vinham pra explicar as reformas e o que pretendiam. Então, a gente tinha, eu diria, uma formação sólida. E também, no caso da minha experiência, uma das diretoras era Nehite Silveira Osório, que faleceu não faz muito tempo, e ela tinha, assim, firmeza em relação ao que entendia ser vital para a escola. Então, ela discutia com a Secretaria de Educação a proposta da escola e a vantagem daquela proposta para a população atendida. Os professores se conheciam há mais tempo; não eram todos novos, ou recém-chegados... Então, havia uma proposta de escola que eles vinham construindo e, para mim, essa foi uma experiência bastante interessante.

Ingressei no mestrado e aí ocorreu uma mudança na direção da escola e, ao mesmo tempo, eu já estava fazendo Planejamento em Educação, me encaminhando pra isso na pesquisa de mestrado. A Secretaria de Educação criou um Gabinete de Planejamento da Educação no Rio Grande do Sul. Então, nesse tempo, mudou a direção da escola em que eu estava e entrou uma diretora

completamente diferente - o que é natural - mas eu quero dizer, com uma postura profissional também diferente. E, aí, eu pensei: “Não! Aqui eu não quero ficar mais, porque não dá mais!” Nesse meio tempo, as colegas da Delegacia de Ensino me sinalizaram: “Ah, quem sabe tu vens pra Delegacia?!” Mas, ao mesmo tempo, eu fazia - não sei como eu conseguia fazer tanta coisa, mas eu fazia também mestrado em Educação. Aí, eu acho que foi pelo dedo do professor Roberto Fachin, que foi diretor da Faculdade de Educação da UFRGS, e ele tinha sido meu professor... então, a Secretaria de Educação criou um Gabinete de Planejamento, e a pessoa que passou a coordenar eu não conhecia, eu só a conheci quando ela mandou me chamar para perguntar se eu queria fazer parte... Ora! Eu fazia o mestrado em Planejamento em educação e estava me dirigindo justamente pro macroplanejamento e, é claro, me interessava. Eu não tinha dúvidas! Quer dizer, eu ia estar com a faca e o queijo na mão em função do objeto de estudo que eu queria desenvolver.

A EXPERIÊNCIA COMO BOLSISTA EM PARIS

Nesse tempo, acho que o ano era 1976, eu fui à Europa com umas amigas que já tinham estudado na Europa - eu também já tinha estudado - e minha mãe. E nós fomos. Uma dessas amigas - hoje já falecida - trabalhava na Secretaria de Planejamento do Estado. Aí, nós resolvemos visitar o Instituto Internacional de Planejamento Educacional (IIPPE) da UNESCO. E lá fomos nós visitar a biblioteca, ter informações sobre cursos. Eles tinham (e continuam tendo) um estágio, que eles ofereciam, na ocasião, para funcionários dos Ministérios de Educação. Então, o ministro da Educação é que faria uma indicação para essa pessoa ir fazer. Bom... Eu não tinha nenhuma relação com o ministro da Educação, mas com o secretário de Educação daqui que era o professor Aírton Vargas, no Julinho nós éramos colegas, nós dois éramos professores de Português. E era muito legal a relação dos professores mais antigos com os mais jovens. Bom, pra fazer o estágio neste Instituto de Planejamento, precisava, então, de uma indicação do ministro da Educação. O ministro de Educação, que eu não tenho mais nenhuma ideia de quem era, é claro que não sabia quem eu era, nem podia me indicar. Resolvi perguntar se o secretário da Educação do Estado do Rio Grande do Sul faria a carta, e ele concordou. E eu fui recebida.

Aí, estávamos, nessa ocasião, no Gabinete de Planejamento da Secretaria de Educação construindo o 2º Plano Estadual de Educação. Nós tínhamos uma equipe mais ou menos grande e com pessoas com formação em diferentes áreas da Educação, com distintas experiências também. Era muito legal. Tinha desde

colegas com mais tempo de atuação e com menos tempo. E a gente trabalhava muito para fazer o tal de 2º Plano de Educação. Bom! Eu falei então com a chefe, que era a professora Hilda Silva e ela consultou o responsável. A professora Hilda era quem realmente coordenava, no sentido de que era ela quem distribuía as tarefas, conduzia e acompanhava os processos de planejamento. Então o secretário de Educação fez a carta pedindo e eu fui aceita para o estágio no IIPE. Lá fui eu para Paris sem Bolsa, ainda. Eu tinha pedido uma Bolsa PNUD e não tinha resposta. Então, minha mãe, que era muito prática, disse assim: “Olha! Vai... Vai, sim! Eu mando o teu salário. Vamos comprar uma passagem ida e volta pela Varig e, se o dinheiro não der, tu pegas o avião e volta.” Aí, cheguei eu lá sem bolsa e fui uma das últimas pessoas que foi chegando. Então o coordenador, naquela época, me disse: “Ah, nós vamos ver!” Só sei que eu consegui uma Bolsa, uma hiper-Bolsa, porque era uma Bolsa da Comunidade Econômica Européia Bélgica, CEE, Brasil.

Aí ganhei uma Bolsa, assim, maravilhosa. Eles pagavam tudo, até para respirar! Pagavam dentista se precisasse. E eu precisei ir ao dentista. A Bolsa pagava. Pagava o teu aluguel, pagava alimentação, pagava tudo. Claro que pagava principalmente as viagens de estudo, porque a gente fez viagens de estudos para conhecer os sistemas de ensino na Inglaterra e na própria França, onde a gente estava. E também na Alemanha do Leste, que na época, ainda era a Alemanha do Leste. E nós éramos um grupo de pessoas... eram todas de países que, naquela época, eram considerados de Terceiro Mundo. Da Europa, era uma colega búlgara e dois portugueses. Da América Latina nós éramos... era um número grande. Acho que chegavam a dez os da América Latina. Tinha gente da Bolívia, Venezuela, Colômbia e Brasil. Do Brasil, eu era a única. E foi uma experiência bastante interessante. O meu espanhol entrou nos eixos. Era o idioma que mais se falava, embora, na época, o Espanhol ainda não fosse uma língua oficial da UNESCO. Eu falava... eu tinha estudado. Então, eu falava um espanhol razoável, é claro! Mas eu tinha compreensão do Inglês e também falava razoavelmente o Francês.

Então, eu lembro de, um dia, o diretor do Instituto estar falando com alguém... e eles começaram a falar em Inglês – porque a minha língua oficial seria o Francês, lá – e eu lembro que o... diretor geral disse: “Cuidado com o que tu falas perto dela, porque ela entende tudo!” Pelo menos das línguas oficiais, eu entendia! Eu entendia e podia fazer as reivindicações junto com o pessoal da América Latina, é claro! Eu era a única, sozinha, do Brasil, então, com quem é que eu iria me juntar? Essa foi uma experiência extremamente rica pra conhecer,

assim, a diversidade de países do chamado Terceiro Mundo, da África e da Ásia, América Latina, Portugal e Bulgária. Quer dizer, havia um convívio... a gente aprende muito sobre outras culturas, o pessoal da Ásia, da África... a gente também se reunia. É claro que era iniciativa dos latinos, nos domingos e feriados. Então, ia pra casa de um e de outro.

Na casa onde eu morava, não dava pra fazer essas reuniões porque, quando eu cheguei, me indicaram um endereço - era no *Arrondissement Seizième*, para eu ver um apartamento. Aí era uma escadaria sem fim, mas esse não era o problema. E... eu achei um desaforo, sabendo que eu era brasileira: não tinha banheiro nem chuveiro! Era de todo o prédio! Imagina! Eu cheguei lá e ainda conversei: “Mas como? Vocês sabem que brasileiro toma banho todos os dias!”. E me disseram: “Não, porque é assim aqui, aqui tem chuveiro...”. Era só o que faltava: eu sair de casa pra tomar banho na toailete do Instituto onde estudava! Eu não aceitei e ainda fiquei ofendida: “Mas como? Vocês não sabem que o brasileiro...”. Então, eles disseram: “Mas tem aqui uma família que está alugando o que eles chamavam de *La chambre indépendante*, mas que na verdade eram as dependências de empregada. Era *indépendante* porque não precisava passar por dentro da casa deles para entrar e sair. Aí eu fui olhar. Mas... não tinha chuveiro. Eu disse pra senhora, dona da casa: “Mas como é que eu vou tomar banho?” Ela dizia: “Ah, não tem problema...” Ela disse que eu podia tomar banho no chuveiro da filha dela. Então, a menina tomava banho mais ou menos às 6:30 da manhã e eu só ia tomar banho um pouco antes das 8, depois ia a pé da casa onde eu morava até o Instituto. Saía bem mais tarde. E foi muito bom, muito bom. A gente fez amizade. ... então... uma das coisas: a negociação do preço, né? do café da manhã... Eu já não sei mais quanto foi o valor que ela queria me cobrar. Eu disse: “está muito caro!” “Mas quanto é que tu estás pagando?”, ela perguntou. Eu, de fato, no hotel onde estava, eu tinha levado o meu Nescafé, o meu pão... Aí, eu “chutei” algum valor! Ela disse: “Ah, ’tá bem! Então eu te sirvo o café da manhã.” Daí era assim: eu estava no que seria a dependência de empregada... “Como é que eu faço?” “Não precisa fazer nada!” Ficavam de noite, na cozinha, três bandejas. Aí, o pai da família levantava cedo, fazia o café de todo o mundo, servia a bandeja de cada um. E aí, quando ficava pronto, ele batia na minha porta. E levava a da filha, a da esposa... cada uma recebia a sua bandeja. E a minha bandeja ficava pronta. Então, pra mim foi um achado. Era o pai que fazia isso, porque era ele que levantava mais cedo. Mas o que foi um achado é que o aluguel era de um preço razoável, e eu tinha o café da manhã... Aí, ela começou a observar que eu chegava de noite e... “Mas o que é que tu vais comer?” Ela ficava vigiando se eu estava me alimentando direito, me controlando... “Mas tu

tens fruta na geladeira?” , coisas assim... Nós terminamos ficando amigas, né? Mas perdemos o contato, hoje não temos mais. Mas o quarto era assim, muito chique. Os lençóis eram de linho. Ah, eu não lavava os lençóis: “Eu é que lavo!” “Como é que eu limpo...?” “Eu passo o aspirador na casa e já passo aqui também”. O guarda-roupa era, assim, bonito, com pinturas. Olha, tudo muito, muito chique. No meu canto tinha cadeira, é claro! Mesa, cadeira... Precisava de mesa para estudar. Tinha sofá! Não podia ter sido melhor! Sobretudo, as pessoas, muito amáveis e acolhedoras – o que nem sempre se encontra entre os franceses. Então, fiz este curso lá.

VOLTANDO AO BRASIL - A ELABORAÇÃO DO PLANO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO E O INÍCIO DO DOUTORADO

Voltei ao Brasil. Quando voltei, não tinham terminado de escrever o II Plano Estadual de Educação... Quando eu cheguei, as colegas disseram: “Onde está o Plano de Educação? – que era o segundo - elas estão te esperando para tu escreveres.” Eu era das Letras... é bom lembrar que eu tinha graduação em Letras- Português e Francês. E eu achei que era brincadeira, mas não era, não! O pessoal tinha feito todos os estudos estatísticos, todas as análises... mas a redação final ficou por minha conta, não é? Quer dizer: eu fazia a redação e, é claro, o pessoal revisava, acrescentava... mas já tinham... o arcabouço quase pronto, os principais estudos... Então fizemos. Aí... devo ter feito um bom trabalho, porque o Plano foi para aprovação no Conselho. Aí, fui convidada para trabalhar na assessoria do Conselho e ainda ficava pensando: “será que vou, será que não vou”, porque eu não conhecia as pessoas, e a ideia que a gente fazia era de que elas eram muito distantes... Até algumas pessoas eu conhecia de vista, mas de vista mesmo! Não era assim de convívio... Mas pra poder encaminhar a aprovação do Plano de Educação, eu fui uma das pessoas (não fui a única) que dialogava com o Conselho. Acabaram me convencendo e eu fui. Aí, passei a trabalhar na Assessoria de Planejamento do Conselho Estadual de Educação. Eu estava fazendo o mestrado em Planejamento em Educação, e fui para o Planejamento, o Macroplanejamento. Minha experiência anterior na escola era com o planejamento pedagógico. Foi outra experiência muito rica, não só com os conselheiros, mas com os colegas da Assessoria. No Conselho, a gente tinha – não sei se ainda é assim –, tinha uma área... no meu caso, era Planejamento em Educação, no Macroplanejamento. Então, tinha o pessoal que trabalhava com educação de adultos, por exemplo... e os pareceres tinham que ser dados sobre cada área e modalidade pelas pessoas que estudavam e conheciam mais. Então...

aí fiquei na Assessoria do Conselho. Aí, o Conselho não incentivava muito que a gente sáisse, não incentivava muito que a gente fosse a eventos... E eu já vinha com ‘um pé que é um leque’! E aí, no nosso andar, em que eu estava, que era do Macroplanejamento, tinha algumas coisas fora... A professora Maria Helena Abrahão dizia que as nossas mesas eram grudadas, porque nós éramos do mesmo setor de assessoria do Macroplanejamento.

Durante muito tempo a Faculdade de Educação da UFRGS não abria a seleção pra doutorado. Então, quase todas as Faculdades pelo Brasil afora fizeram isso, acho que o intuito era formar quadros para as instituições. Mas no ano em que abriram, a Maria Helena Abrahão e eu nos inscrevemos, apesar de acharmos que eles não selecionariam duas pessoas do mesmo setor e que não fossem da Universidade. Aí, foi engraçado porque, quando saiu o resultado, telefonaram para mim e telefonaram para ela, e nós não contávamos uma para a outra, achando que a outra não tinha sido selecionada. É... acho que foi em 84, porque ficamos quatro anos e em 87 eu defendi a tese. 1984. Aí ingressamos e foi outra experiência muito rica, pois, primeiro, tinha que convencer o orientador que ele tinha que te orientar... uma negociação interessante.

O DOUTORADO - PERCALÇOS, SURPRESAS E A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

No Doutorado, o Paulo Schütz, que era o meu orientador, do Programa do Meio Rural, durante o processo, teve um problema grave de saúde... Ele foi muito legal. Como eu digo, quando ele faleceu, quem fez a orientação final e boa parte do processo foi o Juan Antonio Tijiboy, que era o coordenador do Programa de Educação para o Meio Rural. Então, com o Paulo, quando ele se foi, o núcleo da pesquisa a gente já tinha construído. E os dois trabalhavam - além de amigos - no mesmo programa de pesquisa. Tive um coorientador, para a metodologia que eu estava adotando, que é o Arthur Blásio Rambo, que era da Antropologia. Também foi um apoio importante. Ajudou bastante. Aí, defendi o doutorado e eu já trabalhava na PUCRS, no curso de Letras da PUC. E, depois, na Educação, porque eu estava fazendo o doutorado na Educação... Aí passei para a coordenação da Maria Emília Engers. Na ocasião, ela era a coordenadora. A Nara Bernardes também. Ela foi orientanda da Merion Bordas.

Bom! Então, eu fui orientanda... comecei com o Paulo Schütz e terminei com o Tijiboy, a orientação. Fiz o Programa do Meio Rural, até porque fiz em

Palmares, Palmares do Sul, porque o Paulo me disse: “Tu queres fazer na educação rural?” É importante dizer que no Conselho, enquanto assessora, eu cuidava das escolas rurais. E aí, ele me disse: “Mas tu não és, não és do meio rural. Como é que vais fazer?” Então, ele disse: “Então tu tens que fazer um estágio de um mês numa localidade de difícil acesso e... não pode sair de lá durante um mês. Não pode nem ir para a cidade mais próxima.” “Tá bom!” Eu tenho uma facilidade grande de adaptação... Então, não me assustou. Na época, o Programa de Educação do Meio Rural tinha um programa, que eles tinham concluído, acho que em Passo Fundo; o Tijiboy coordenava o programa e começaram a trabalhar em Palmares do Sul.

Então, eu falei para a Secretária de Educação: “Olha, eu preciso fazer um estágio num local de difícil acesso, numa escola rural.” Aí, eles me mandaram para uma escola, que é a Escola da localidade do Limoeiro. Eu não sabia que aqui no Rio Grande do Sul havia comunidades em que predominantemente as pessoas eram negras. Eu... quando eu fui visitar a escola, a primeira vez que eles me levaram, eu cheguei... e havia duas turmas de classes multisseriadas, uma turma de manhã e uma de tarde. As professoras eram negras, as merendeiras também, e os alunos, quase todos, com exceção de um da manhã e um da tarde, que não eram negros. Eu não sabia, até então, que no Rio Grande do Sul tinham comunidades predominantemente negras.

Na minha experiência de vida, nós éramos muito poucas, as estudantes negras. Mas eu não sabia que havia comunidades de população exclusivamente negra. Porque realmente só havia duas crianças, que eram irmãs, e que não eram negras na escola, também eram negras as professoras e merendeiras. Isso foi em 1986, entre 1985 e 1986. Pois bem, eu fui e fiquei esse tempo por lá. O Paulo Schutz, que era o orientador, achava que eu não devia fazer a tese na mesma comunidade em que realizava o estágio. Eu estava já pensando em ir para Casca, que é outra comunidade ali próxima, só que já no município de Mostardas, não mais no de Palmares. Infelizmente, nesse meio tempo, o Paulo vem a falecer e, conversando com o Juan Antonio Tijiboy, que assumiu a orientação da tese, a gente achou que era dispendioso muita energia começar de novo um processo de conhecer, estabelecer vínculos, se familiarizar, quando já tinha iniciado tudo isso nesta comunidade. Então, eu acabei fazendo a minha tese no Limoeiro, com o povo do Limoeiro. Foi uma das experiências mais ricas e digo que é a pesquisa mais importante que eu fiz, porque, 18 anos depois, permitiu que eles ingressassem no INCRA para serem reconhecidos como quilombo. Eu já estava em São Carlos quando a professora da escola do Limoeiro telefonou: “Ah!

Fizeram um levantamento das terras de pretos e não nos puseram!” Eu disse: “Mas quem fez?” “O INCRA!” “E vocês já foram lá reclamar?”, perguntei. Sim, tinham ido, mas disseram para eles, do Limoeiro: “Ah! Mas vocês não têm ... aquele... Laudo Antropológico, né?” “Ah! Nós não temos isso, mas tem uma tese.” Eu tinha deixado a tese na escola com a professora. Aí, eles disseram: “Nós, não! Mas temos uma tese”². Aí, eles levaram e com isso eles entraram na lista. Depois, é claro, foi um antropólogo fazer o Laudo Antropológico. Por isso, eu digo que a pesquisa de que eu mais me orgulho é esta.

-

² A tese intitulada “Educação e Identidade dos Negros Trabalhadores Rurais do Limoeiro” foi defendida em 1987, no PPGEDU-UFRGS e foi tomada como um documento comprobatório para o reconhecimento quilombo Limoeiro, município de Palmares do Sul, RS, em 2005 - Portaria n.º 29/2006, de 13/12/2006 (Outras informações sobre o quilombo estão disponíveis em <https://www.ipatrimonio.org/palmares-do-sul-quilombo-limoeiro/#!/map=38329>).